

Encontro de Primazes e Bispos Presidentes

Comunhão de Igrejas de Porvoo

Copenhague (Dinamarca) 12-14 Outubro 2017

Secularismo e Sociedade Secular numa perspectiva teológica

Uma resposta Anglicana da Europa do Sul

1 - Tendências e traços da Religião em Portugal

Portugal é um país com 10 milhões de habitantes situado no extremo ocidental da Europa e integrado no conjunto dos países do Sul da Europa.

Desde 2001 que Portugal possui uma Lei da Liberdade Religiosa que assenta em 3 princípios:

- Princípio da igualdade entre as diferentes religiões (no trabalho nos hospitais, universidades, prisões)

- Princípio da Separação (Estado não interfere no Governo das Igrejas)

- Princípio da Cooperação (promoção da justiça, e outros valores democráticos)

O propósito da lei da liberdade religiosa é o de promover a convivência não só entre as religiões mas entre estas e os não crentes.

Neste sentido a religião é vista como algo pertencente ao domínio social e sociológico e que deve ser tido em conta por um Estado laico. Ou seja, um Estado laico só se compreende à luz da Religião.

Há uma preocupação crescente em respeitar o espaço religioso no contexto de um Estado laico que não quer promover um laicismo que defende que a religião não tem direito ao espaço público mas apenas à esfera privada.

A laicidade Portuguesa tem procurado a inclusividade, acomodação, tratamento de todos com respeito, dialogo e é uma laicidade que não visa atingir a maioritária Igreja Católica Romana. O Portugal moderno e democrático aprendeu com os erros históricos nos quais o Estado hostilizou em 1910 no início da implementação da República o papel e a influência da Igreja na sociedade.

Religiosamente Portugal vive uma situação pacífica, sem extremismos e tem aumentado o diálogo e a cooperação Inter-Religiosa. A preocupação do Governo para evitar fenómenos extremistas e populistas tem sido o de promover o inter-culturalismo e a inter-religiosidade. A Integração de refugiados vindos do Médio Oriente tem sido bem acolhida e vista como um imperativo humanitário e ético. As Igrejas e as outras religiões têm tido um papel ativo neste domínio.

A sociedade Portuguesa, tal como as restantes sociedades Ocidentais assume um processo de secularização entendido como o processo que promove a «*autonomia das realidades terrestres*» e promotor de um Estado laico e não confessional. Neste processo as ciências, a economia, a filosofia e a própria moral são autónomas com as suas próprias leis, sem pedir legitimação à religião. A laicidade do Estado, numa sociedade plural, promove a tolerância e a liberdade religiosa de todos, mesmo daqueles que são livres para não acreditar e não professam qualquer religião. Coisa diferente é o «laicismo» enquanto sistema de pensamento e de ação que rejeita toda a influência ou presença religiosa nos indivíduos e nas instituições públicas e privadas.

A laicidade do Estado assume hoje em Portugal a diversidade de uma sociedade inter-cultural e inter-religiosa. Neste sentido nunca se poderá falar de uma sociedade laica dado que na diversidade das gentes, povos, culturas e tradições que a compõem a sociedade é por natureza diversa e complexa na sua constituição e particularmente essência religiosa. O aumento da diversidade religiosa e os efeitos dos fenómenos religiosos na sociedade portuguesa são a expressão desta realidade. Com efeito, nunca como hoje se falou tanto de religião em Portugal e se procurou compreender o fenómeno religioso nas suas diferentes dimensões. Há uma crescente apetência pelo interpretar do «fenómeno religioso» enquanto elemento capaz de ajudar à interpretação do real e particularmente por vezes das suas manifestações mais trágicas, como sejam os desastres naturais e as tragédias do terrorismo e da violência nas suas diferentes expressões.

Embora tradicionalmente possuidora de uma vivência religiosa a sociedade Portuguesa é poderemos dizer «religiosamente analfabeta» dado que nunca foi educada para a compreensão da diversidade religiosa e para o papel que a religião teve na construção Europeia e pode vir a ter na construção da sociedade de hoje. Do «praticar» ao «pensar/reflectir» a religião na sua inter-relação com outros domínios e áreas da vida há um caminho a ser feito que coloca questões também de natureza eclesial e pastoral.

Muitos defendem, e a meu ver bem, que a sociedade só se poderá desenvolver integralmente se for capaz de promover uma educação religiosa não confessional para todos. Ou seja, cabe ao Estado laico a promoção do conhecimento das religiões, conhecimento este que tornará cada cidadão mais livre e capaz perante as suas opções de vida.

2 – Dados Sociológicos da Religião em Portugal (Alfredo Teixeira – Estudo Universidade Católica – 2011)

Portugal hoje mantém-se como um dos países mais religiosos da Europa e de frequência da Igreja:

85 % da população assume-se como religiosa e maioritariamente cristã

Crentes sem Religião – 4,6% (autonomia, convicção e desinteresse)

Ateísmo -4,1%

Indiferentes 3,2 %

Agnósticos – 2,2 %

(65% dos não crentes são jovens)

(quanto maior for a habilitação académica menos religiosos são)

No Grupo dos Cristãos:

93,3% são Católicos Romanos (mas apenas 35% dos Católicos Romanos vão à missa)

2,8% Evangélicos

1,5% Outras Igrejas

Traços dominantes da religiosidade em Portugal

- 1- Diversificação do campo religioso e individualização do crer
- 2- Individualismo «VIP» - V- voiture + I – Internet + P – portable (móvel)
- 3- Mapa religioso mais diversificado
- 4- Desarticulação entre o Crer e o Pertencer

3 - Religiosidade Popular e Marianismo

No contexto do Catolicismo Romano em Portugal, ganha cada vez maior expressão o papel e a influência do Santuário Mariano de Fátima. Por ano, cerca de 9 milhões de pessoas vão a este Santuário Religioso. Muitos afirmam-se não crentes mas encontram ali amparo espiritual e muitos outros até são de outras religiões e buscam ali, junto de nossa Senhora orientação para as suas vidas. Fátima é um lugar de peregrinação e de manifestação religiosa de massas. Ou seja, numa sociedade crescentemente secularizada há manifestações religiosas que estão a ganhar novos desenvolvimentos e expressões. Surgem novas formas de expressar e viver a religiosidade que não se enquadram no esquema das Igrejas enquanto Instituições. O Santuário de Fátima é considerada o «Altar do Mundo» e o Papa Francisco foi recentemente recebido em Fátima por um milhão de pessoas.

Apesar deste contexto tradicionalmente Católico Romano, assiste-se em Portugal no panorama religioso a uma evolução de uma realidade fundamentalmente Católica Romana para uma maior diversidade religiosa.

Há uma maior diversidade religiosa fruto do crescimento de outras religiões (Islão, Hinduismo, Budismo ...) e há uma maior diversidade religiosa nas principais cidades Portuguesa

As Igrejas começaram a integrar na sua prática o diálogo e a cooperação Inter-Religiosa.

4 - Secularização e o Contexto Económico – Social

Esta semana (9 Outubro 2017) o «Investigate Europe» um projeto jornalístico Europeu que trabalha temas de interesse Europeu revelou que :

- Desde de 2008 houve mais de 400 mudanças nas leis laborais nos países da União Europeia
- A desregulação das leis aumentou a precariedade (Portugal, Grécia, Roménia foram particularmente atingidos por estas políticas económicas)
- Quase metade dos empregados com menos de 25 anos tem contratos temporários
- Esta situação de precariedade impede os jovens de deixar a casa dos seus pais, uma vez que com vínculos precários, eles não podem comprar uma casa ou tomar ou tomar decisões para o seu futuro
- Estamos perante uma ausência de um futuro promissor especialmente para os mais novos
- Crescem os horários de trabalho «disfuncionais»

O que este estudo veio também revelar para além dos aspetos económicos e sociais foi também a sua crescente (e diria determinante) influência na vida pessoal e naturalmente religiosa de cada um :

- a precariedade económica estende-se a outras áreas da vida e torna a vida mais precária em termos familiares, e de compromissos sociais e religiosos a longo prazo;
- a precariedade económica e laboral leva a uma instabilidade pessoal e afetiva que gera também uma natural instabilidade religiosa;
- a preocupação com a sobrevivência diária relega para segundo plano as preocupações religiosas e obscurece um pouco o próprio sentido de esperança e de futuro que o Reino de Deus anuncia;
- e as Igrejas na sua falta de intervenção social e política aparecem desligadas da realidade e incapazes de gerar novas alternativas ao modelo capitalista e liberal vigente;
- a grave crise de natalidade que tem as suas causas fundamentais na falta de condições económicas restringe ainda o olhar de esperança que o Cristianismo nos propõe;

Uma teologia da secularidade não pode deixar de ter em conta o contexto social, económico e político que marca o dia-a-dia das nossas sociedades. Por vezes não são tanto os considerandos culturais, filosóficos ou teológicos que explicitam a secularização ou o afastamento da prática religiosa mas antes a realidade, por vezes dura e difícil do dia a dia que se impõe e condiciona a vida que as pessoas gostariam de ter. Compreender estas realidades e saber estar ao lado dos que com elas mais sofrem, os pobres e os necessitados ajudará as Igrejas a vencer os desafios da Secularização.

+ Jorge Pina Cabral / Igreja Lusitana – (Comunhão Anglicana – Portugal) – 9 /10/2017